

O Suplemento Literário deste número da revista ESTUDOS PORTUGUESES E AFRICANOS presta homenagem ao colega Carlos Alberto Iannone-UNESP-Araraquara, falecido em fevereiro de 2002, com a reedição de parte do trabalho, por ele coordenado, de edição crítica de autores medievais portugueses.

Carlos Alberto Iannone fez Mestrado e Doutorado na Universidade de São Paulo. Iniciou as suas atividades como professor de Literatura Portuguesa, em 1967, na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (SP). Dali transferiu-se, em 1979, para a Faculdade de Ciências e Letras da UNESP em Araraquara, onde pôde desenvolver o seu trabalho de docência e de pesquisa na área de Literatura Portuguesa, vinculado ao Departamento de Literatura. Em Araraquara fundou em 1983, juntamente com Jorge Cury, o Centro de Estudos Portugueses “Jorge de Sena”, do qual foi diretor em sucessivos mandatos. Ali foi também fundador e coordenador de um Grupo Acadêmico de Estudos Medievais (GAEM) que se responsabilizou pela publicação da coleção “Textos Medievais”, que inclui importantes peças de literatura medieval: CANTIGAS DE PERO GOMES BARROSO (1985), LIVRO DE ALVEITARIA DE MESTRE GIRALDO (2 volumes, 1988), CANTIGAS DE JOÃO SERVANDO (1991), CANTIGAS DE BERNAL DE BONAVAL (1992) e CANTIGAS DE NUNO FERNANDES TORNEOL (1995). Individualmente, publicou em 1969, pela Universidade de Coimbra, uma bem conhecida BIBLIOGRAFIA SOBRE FERNANDO PESSOA e, mais recentemente, A PERSUASÃO NA NOVELA PASSIONAL CAMILIANA (Brasília: Thesaurus, 1994), entre outros diversos estudos dedicados à Literatura Portuguesa. Faleceu em Fevereiro de 2002.

CANTIGAS DE NUNO FERNANDES TORNEOL

1. História dos textos: os códices e as edições

Da produção poética de Nuno Fernandes Torneol são conhecidas 13 cantigas de amor, 8 de amigo e 1 de escárnio, que aparecem impressas, total ou parcialmente, em várias edições. Para o estabelecimento crítico do texto das cantigas e para a elaboração do aparato crítico foram utilizadas as edições mais

representativas do ponto de vista filológico e literário, isto é, aquelas que mais fidedignamente se aproximam dos manuscritos e que revelam rigidez na organização dos textos. São as seguintes as edições consultadas:

- 1º.) Ernesto Monaci, *Il Canzoniere Portoghese della Biblioteca Vaticana* (CVI). Con una prefazione con facsimile e con altre illustrazione. Halle, Max Niemeyer, 1875. Vêm impressas, nesta edição diplomática, todas as cantigas de amigo do trovador, sob os números 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248 e 249, e a cantiga satírica de nº. 979, às págs. 93-95 e 335.
- 2º.) Enrico Molteni, *Il Canzoniere Portoghese Colocci-Brancuti* (MOLTENI). Publicato nelle parti che completano il códice vaticano 4803 da Enrico Molteni com um facsimile in eliotipia. Halle, Max Niemeyer, 1980. Estampa as cantigas de amor de Torneol, sob os números 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170 e 171, às págs. 74-79.
- 3º.) Teófilo Braga, *Cancioneiro Português da Vaticana* (CV2). Edição crítica restituída sobre o texto diplomático de Halle, acompanhada de um glossário e de uma introdução sobre os trovadores e cancioneiros portugueses. Lisboa, Imprensa Nacional, 1878. As cantigas de Torneol trazem a mesma numeração da edição de Monaci e localizam-se às págs. 48, 49 e 194.
- 4º.) Elza Pacheco Machado & José Pedro Machado. *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* (CBN), antigo Colocci-Brancuti. Facsímile e transcrição. Leitura, comentários e glossário por... Lisboa, "Revista de Portugal"/1949-1964/ 8 vols. Estão publicadas as cantigas de amigo sob os números 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610 e 611, às págs. 301-310 do vol. III, as cantigas de amor sob os números 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168 e 169, às págs. 281-300 do vol. I; no vol. VI à pág. 106 vem estampada a cantiga satírica com o nº 1322.
- 5º.) José Joaquim Nunes, *Cantigas d'Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses* (C.AMIGO). Edição crítica acompanhada de introdução, comentário, variantes e glossário. Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1973, 3 vols. No volume I, Nunes dá informações sobre a vida e a obra dos trovadores incluídos na obra e publica às págs. 334 e 335 a cantiga de amor "Ir-vos queredes, mya senhor". No vol. II, antologia, publica todas as cantigas de amigo, sob os números LXXV, LXXVI, LXXVII, LXXVIII, LXXIX, LXXX, LXXXI e LXXXII, às págs. 71-77.

O Suplemento Literário deste número da revista ESTUDOS PORTUGUESES E AFRICANOS presta homenagem ao colega Carlos Alberto Iannone-UNESP-Araraquara, falecido em fevereiro de 2002, com a reedição de parte do trabalho, por ele coordenado, de edição crítica de autores medievais portugueses.

Carlos Alberto Iannone fez Mestrado e Doutorado na Universidade de São Paulo. Iniciou as suas atividades como professor de Literatura Portuguesa, em 1967, na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (SP). Dali transferiu-se, em 1979, para a Faculdade de Ciências e Letras da UNESP em Araraquara, onde pôde desenvolver o seu trabalho de docência e de pesquisa na área de Literatura Portuguesa, vinculado ao Departamento de Literatura. Em Araraquara fundou em 1983, juntamente com Jorge Cury, o Centro de Estudos Portugueses “Jorge de Sena”, do qual foi diretor em sucessivos mandatos. Ali foi também fundador e coordenador de um Grupo Acadêmico de Estudos Medievais (GAEM) que se responsabilizou pela publicação da coleção “Textos Medievais”, que inclui importantes peças de literatura medieval: CANTIGAS DE PERO GOMES BARROSO (1985), LIVRO DE ALVEITARIA DE MESTRE GIRALDO (2 volumes, 1988), CANTIGAS DE JOÃO SERVANDO (1991), CANTIGAS DE BERNAL DE BONAVAL (1992) e CANTIGAS DE NUNO FERNANDES TORNEOL (1995). Individualmente, publicou em 1969, pela Universidade de Coimbra, uma bem conhecida BIBLIOGRAFIA SOBRE FERNANDO PESSOA e, mais recentemente, A PERSUASÃO NA NOVELA PASSIONAL CAMILIANA (Brasília: Thesaurus, 1994), entre outros diversos estudos dedicados à Literatura Portuguesa. Faleceu em Fevereiro de 2002.

CANTIGAS DE NUNO FERNANDES TORNEOL

1. História dos textos: os códices e as edições

Da produção poética de Nuno Fernandes Torneol são conhecidas 13 cantigas de amor, 8 de amigo e 1 de escárnio, que aparecem impressas, total ou parcialmente, em várias edições. Para o estabelecimento crítico do texto das cantigas e para a elaboração do aparato crítico foram utilizadas as edições mais

- 6º.) José Joaquim Nunes, *Crestomatia Arcaica* (CRESTOMATIA). Excertos da Literatura Portuguesa desde mais antigo que se conhece até o século XVI. Acompanhados de introdução gramatical, notas e glossário. 8ª. Ed. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1981. Trata-se de uma seleta clássica, cuja primeira edição é de 1906. Estampa o texto de quatro cantigas de amigo (números 242, 243, 245 e 246 do CV1) sob os números XXXI, XXIX, XXX e XXXII, respectivamente, das págs. 266 a 269 e a cantiga de amor nº 163 de MOLTENI sob nº XXIX, à pág. 170.
- 7º.) José Leite de Vasconcelos, *Textos Arcaicos* (VASCONCELOS). Coordenados, anotados e providos por.... 4ª. Ed. Lisboa, Livraria Clássica Editora, / 1959 /. Estampa a cantiga de amor nº 81 do CA, às págs. 21 e 22.
- 8º.) Marques Braga, *Cancioneiro da Ajuda* (CA). Com prefácio e notas de... Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1945. Vol.I. (Coleção de Clássicos Sá da Costa). Traz impressas as cantigas de amor de números 159 a 171 de MOLTENI.
- 9º.) Corrêa de Oliveira & Luís Saavedra Machado, *Textos Portugueses Medievais* (OLIVEIRA). 3º. Ciclo dos Liceus. 2ª. Ed. Coimbra, Coimbra Editora, 1967. Nesta antologia, vêm publicadas sob os nºs. 13 e 14 as cantigas de amigo que correspondem às de nºs. 242 e 246 do CV1 (págs. 106-107).
- 10º.) Manuel Rodrigues Lapa, *Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses* (LAPA). 2ª. Ed. Ver. e acresc. Coimbra, Editorial Galáxia, 1970. Trata-se de excelente antologia pelo rigor dado à apresentação dos textos e pela riqueza de informações que acompanham cada cantiga. O autor publica a única cantiga satírica de Nuno Fernandes, sob. o nº. 303, à pág. 452.
- 11º.) Manuel Rodrigues Lapa, *Lições de Literatura Portuguesa. Época Medieval*. (LIÇÕES) 6ª. ed. ver. Coimbra, Coimbra Editora, 1966. Lapa estampa às págs. 155-156, sem numeração, a cantiga de amigo nº. 242 do CV1.
- 12º.) Segismundo Spina, *Apresentação da :Lírica Trovadoresca* (SPINA). (Introdução, Antologia Crítica, Glossário). Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1956. Embora haja edição mais recente desta *Apresentação*, inclusive com outro título, foi consultada a primeira edição, em cuja pág,

307 vem estampada a cantiga de amor “Quando mi agora for e mi alongar”, sem numeração, mas que corresponde à de nº. 165 de MOLTENI.

- 13º.) Hernani Cidade, *Poesia Medieval*. I Cantigas de Amigo (CIDADE). Ordenação prefácio e notas de... 3ª. ed. correcta no texto e melhorada nas notas. Lisboa, (Gráfica Lisbonense), 1941. Traz publicada a cantiga de nº. 242 do CV1, às págs. 2 e 3.
- 14º.) João Gaspar Simões. *História da Poesia Portuguesa*. Das origens aos nossos dias acompanhada de uma antologia (SIMÕES). Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, /1955/. Estampa as cantigas de nº. 160 de MOLTENI (amor) e 242 do CV1 (amigo), às págs. 138 e 139.
- 15º.) Giuseppe Tavani, “Motivi della canzone d’alba in uma cantiga di Nuno Fernandes Torneol”(TAVANI). In *Annali*. Sezione Romanza. Istituto Universitário Orientale, Napoli, III, 1, págs. 199-205. Trata-se de artigo em que o autor transcreve a cantiga de amigo, objeto de seus comentários à pág. 201 (nº. 242 do CV1).
- 16º.) Celso Cunha, *Estudos de Poética Trovadoresca* (CUNHA). Versificação e edóctica. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1961. (Coleção Filologia II). Estampa a cantiga de nº. 242 CV1, à pág. 81.
- 17º.) Stephen Reckert & Hélder Macedo. *Do Cancioneiro de Amigo* (RECKERT). Com um texto de Roman Jakobson e 50 cantigas de amigo. Lisboa, Assírio & Alvim, 1976. Publicam os autores, às págs. 123-124 e sob o nº. 20, a cantiga de nº. 242 do CV1.
- 18º.) Teófilo Braga, *Trovadores Galécio-Portugueses* (BRAGA). Porto, Imprensa Portuguesa Editora, 1871. Estampa, às págs. 264 e 265, a cantiga de amigo de nº. 246 do CV1.
- 19º.) Natália Correia, *Cantares dos Trovadores Galego-Portugueses* (CORREIA). Selecção, introdução, notas e adaptação de... 2ª. Edição. Lisboa. Editorial Estampa, 1978. (Clássicos de Bolso). A autora publica a cantiga de amor de nº. 159 de MOLTENI e a cantiga de nº. 242 CV1, às págs. 216-221.
- 20º.) Vitorino Nemésio. *A Poesia dos Trovadores* (NEMÉSIO). Selecção, prefácio e bibliografia de... Amadora, Livraria Bertrand /s.d./ (Obras Primas

da Língua Portuguesa). Nemésio publica três cantigas de Torneol: n.º. 242 do CV1 (págs. 149-150), n.º. 160 e 169 de MOLTENI (págs. 151 e 152).

21.º.) José Régio, *Líricas Portuguesas*. 1.ª. Série (RÉGIO). Selecção, prefácio e notas de... 4.ª. Ed., conforme a 3.ª. Lisboa, Portugália Editora, 1968. (Antologias Universais). Estampa o autor a cantiga de amigo de n.º. 242 do CV1, às págs. 14 e 15.

2. Normas utilizadas para o estabelecimentos dos textos

Para o estabelecimento dos textos observamos os seguintes critérios:

- 1.) Emprego de inicial maiúscula nos substantivos próprios: Validolide, Toledo, etc.
- 2.) Emprego do hífen nas ligações dos pronomes átonos a formas verbais e para indicar a queda do -s em certos pronomes, flexões verbais, conjunções, etc.: toda-las, poy-lo, dizem-mi, etc.
- 3.) Emprego do apóstrofo para indicar a elisão vocálica: trist'anda.
- 4.) Desenvolvimento de abreviaturas: p' q̄ (por que ou porque), ramθ (ramos), d̄s (Deus) etc.
- 5.) Uso de acentos, com parcimônia, com a finalidade de evitar confusões e dúvidas: á (do verbo haver), vós, etc.
- 6.) Uso de sinais de pontuação de acordo com as normas gramaticais, com a finalidade de facilitar a compreensão do texto.
- 7.) Emprego de / / para indicar qualquer adição conjectural.
- 8.) Separação de vocábulos conglomerados e vice-versa: Leuadamigo (Levad', amigo), uer dadeiro (verdadeiro).
- 9.) Substituição das letras u e i, quando em função consonântica, pelas letras ramistas v e j: vyas por uyas, vi po ui, já por ia.
- 10.) Emprego do i, quando em situação vocálica, e do y, quando semivocálica: coyta, ey, amigu, mi.
- 11.) Eliminação de particularidades gráficas destituídas de valor fonológico, bom como do h- (inicial) sem justificação etimológica: u por hu.
- 12.) Substituição do sinal f pela letra s: por f e.
- 13.) Manutenção da nasal final em -n e uniformização das palavras com til em vogal intermediária ou final: non por nō, cantavam por cãtauã; quando a vogal nasal precede outra vogal, utilizou-se o til: avelãas, manhãas.
- 14.) Respeito, exceção aos casos aqui referidos, à grafia medieval, simplificando as geminadas iniciais rr e ss: f se por se.

AS CANTIGAS DE NUNO FERNANDES TORNEOL

1. Cantigas de Amigo

I

Levad', amigo, que dormides as manhãas frias;
toda-las aves do mundo d'amor dizia/n/:
leda m'and' eu.

5 Levad', amigo, que dormide-las frias manhãas;
toda-las aves do mundo d'amor cantavan:
leda m'and' eu.

Toda-las aves do mundo d'amor dizian;
do meu amor e do voss'em ment' avian:
leda /m' and' eu./

10 Toda-las aves do mundo d'amor cantavan;
do meu amor e do voss' i enmentavan:
le/da m' and' eu./

Do meu amor e do voss' em ment' avian;
vós lhi tolhestes os ramos em qe siian:
leda / m' and' eu./

Do meu amor e do voss'i enmentavan;
vós lhi tolhestes os ramos em que pousavan:
le/da m' and' eu./

20 Vós lhi tolhestes os ramos em que siian
e lhis secastes as fontes em que bevian:
leda / m' and' eu./

Vós lhi tolhestes os ramos em que pousavan
e lhis secastes as fontes u se banhavan:
le/da m' and' eu./

I. *Classificação*: cantiga de amigo, com alguns elementos típicos da Alba provençal. Paralelística, com refrão: 8 x (2 + 1); versos de 14, 12 e 11 sílabas graves e de 4 sílabas no refrão agudo; esquema rimático: aaB; coplas singulares.

II. *Manuscritos*:

242 do CV¹ e CV².

641 do CBN.

III. *Variantes*: 1, 4: manhanas, CBN, TAVANI, LIÇÕES, CUNHA, NEMÉSIO, OLIVEIRA, CIDADE; 2, 5: todalas, C. AMIGO, TAVANI, LIÇÕES, RÉGIO, NEMÉSIO, OLIVEIRA, CUNHA; 2, 5, 7 10: Amor, CBN; 4: dormide-la, RECKERT; 7: todas, OLIVEIRA; 7, 10: todalas, TAVANI, LIÇÕES, CUNHA, NEMÉSIO, CIDADE; 8, 11, 16: e do voss[o], OLIVEIRA; 8, 13: enment auyan, CBN; enmentariam, RECKERT; 10: todalas, OLIVEIRA; 16: do uoss enmentauan, CBN; 17, 19, 22: Tolestes, CBN.

IV. *Síntese*: Ao mesmo tempo em que desperta o amante, a moça evoca, através de elementos da natureza, a reciprocidade no amor e a ruptura desta por parte do amante.

V. *Paráfrase*:

Ó meu amado que dorme nesta manhã fria, acorde.

Todas as aves do mundo falavam de amor.

Estou feliz.

Ó meu amado que dorme nesta manhã fria, acorde.

Todas as aves do mundo cantavam o amor.

Estou feliz.

Todas as aves do mundo falavam de amor,

faziam menção ao nosso amor.

Estou feliz.

Todas as aves do mundo cantavam o amor,

faziam menção ao nosso amor.

Estou feliz.

Faziam menção ao nosso amor mas

você podou os ramos nos quais elas estavam.

Estou feliz.

Faziam menção ao nosso amor mas
você cortou os ramos nos quais pousavam.
Estou feliz.

Você podou os ramos nos quais elas estavam
e secou as fontes onde bebiam.
Estou feliz.

Você cortou os ramos nos quais elas pousavam
e secou as fontes onde se banhavam.
Estou feliz.

II

Aqui vej'eu, filha, o voss' amigo,
O por que vós baralhades migo,
delgada.

5 Aqui vejo, filh', o que amades,
o por que vós migo baralhades,
delgada.

/O/ por que vós baralhades migo
quero-lh'eu ben, poys é voss' amigo,
delgada.

10 O por que vós migo baralhades
quero-lh'eu bem, poy-lo vós amades,
delgada.

I. *Classificação*: cantiga de amigo, paralelística, com refrão: 4 x (2 + 1); dísticos eneassílabos graves e no refrão verso dissílabo grave; esquema rimático: aaB; coplas singulares.

II. *Manuscritos*:

243 do CV¹ e CV².

642 do CBN.

III. *Variantes*: 4: vej'eu, CRESTOMATIA; 7: Porque, CV²; 8: poys é voss'amigo, seguindo a lição de J.J. Nunes, C. AMIGO; que tolheu bem, CV².

IV. *Síntese*: A mãe, ao ver o namorado da filha, diz a ela que, apesar de todas as desavenças havidas entre ambas por causa do namoro, não quer mal ao homem a quem ela deu o coração.

V. *Paráfrase*:

Estou vendo aqui, minha filha, o seu amado,
o causador da discussão sua comigo,
ó formosa.

Estou vendo aqui, minha filha, o seu amado
o causador da discussão sua comigo,
ó formosa.

O causador da discussão sua comigo,
o seu amado, eu não desgosto dele,
ó formosa.

O causador da discussão sua comigo,
aquele que você ama, eu não desgosto dele,
ó formosa.

III

Ay, madr', o meu amigo, que non vi
a gran sazon, dizen-mi que é qui,
madre, per bõa fé, led'and'eu,

5 E sempr'eu punhey de lhi mal fazer,
Mays, poys ora veo por me veer,
Madre, /per boa fé, led'and'eu./

Por quanta coyta el por mi levou
non lhi poss'al fazer, mays, poys chegou
madre, /per boa fé, led'and'eu./

I. *Classificação*: cantiga de amigo, com refrão: 3 x (2 + 1); dísticos decassílabos agudos e no refrão verso eneassílabo agudo; esquema rimático: aaB; coplas singulares.

II. *Manuscritos*:

244 do CV¹ e CV².

643 do CBN.

III. *Variantes*: 5: vaiu, CV²; 8: fazer mais, CV².

IV. *Síntese*: A moça confessa sua alegria pelo fato de o amado ter voltado ao local onde mora para vê-la, apesar do sofrimento que ela lhe causou.

V. *Paráfrase*:

Ai, mãe, dizem que chegou aqui
o meu amado, aquele que há muito tempo eu não via.
É natural que eu esteja feliz, mãe.

Eu sempre batalhei para não corresponder ao amor dele
mas agora, como veio para me ver
é natural que eu esteja feliz, mãe.

Por todo o sofrimento que eu lhe causei
nada me resta fazer, mas, porque veio,
é natural que eu esteja feliz, mãe.

IV

Que coyta tamanha ey a sofrer,
por amar amigu e non o veer!
e pousarey so lo avelãal.

5 Que coyta tamanha ey endurar,
por amar amigu e non lhi falar!
e pousa/rei so lo avelãal./

Por amar amigu e non o veer
nen lh'ousar a coyta que ey dizer;
e pousarey so lo /avelãal./

15 Nen lh'ousar a coyta que ey dizer
e non mi dan seus amores lezer:
e pousarey so lo /avelãal./

Nen lh'ousar a coyta que ey mostrar
E non mi dan seus amores vagar:
e pouasa/re y so lo avelãal./

I. *Classificação*: cantiga de amigo paralelística, com refrão: 6 x (2 + 1); versos decassílabos agudos inclusive no refrão; esquema rimático: aaB; coplas singulares.

II. *Manuscritos*:

245 do CV¹ e CV².

644 do CBN.

III. *Variantes*: seguimos a leitura proposta por J.J. Nunes, C. AMIGO, invertendo as coplas 3 e 4, não adotada no CBN e CV²; 3, 6, 9, 12, 15, 18: sol o, CV²; avelanal, CBN, CRESTOMATIA; 7: e o non veer, CBN, CV²; 8, 11: non, CV²; 13: non lh ousar, CBN; 13, 16: non lh'ousar, CV²; 16: Non lhe ousar, CBN.

IV. *Síntese*: A moça reclama do sofrimento físico por que passa pelo fato de não poder se encontrar com o amado. Reitera que descansará no avelanal, certamente o local dos encontros amorosos. Com a reiteração insinua que tem esperanças de reencontrá-lo.

V. *Paráfrase*:

Que sofrimento imenso tenho de suportar
por amar alguém e não poder vê-lo!
Irei repousar no avelanal.

A que sofrimento imenso tenho que me habituar
por amar alguém e não poder lhe falar!
Irei repousar no avelanal.

Por amar alguém e não poder vê-lo
e nem ousar lhe expor o sofrimento por que passo.
Irei repousar no avelanal.

Por amar alguém e não poder lhe falar
e nem ousar lhe contar o sofrimento por que passo.
Irei repousar no avelanal.

E nem ousar lhe contar o sofrimento por que passo
e o desassossego causado pelo desejo insatisfeito
Irei repousar no avelanal.

E nem ousar lhe expor o sofrimento por que passo
E a intranquilidade nascida do desejo insatisfeito
Irei repousar no avelanal.

V

Vi eu, mya madr', andar
as barcas eno mar:
e moyro-me d'amor.

5 Foy eu, madre, veer
as barcas eno ler:
e moyro-me d'amor.

As barcas /e/no mar
E foy-las /a/aguardar:
E mo/yro-me d'amor./

10 As barcas eno ler
E foy-las atender:
E mo/yro-me d'amor./

E foy-las aguardar
E non o pud'achar:
15 e /moyro-me d'amor./

E foy-las atender
E non o pudi veer:
E/moyro-me d'amor./

E non o achey i,
20 /o/ que por meu mal vi:
e moy/ro-me d'amor./

/E non o achey lá,
o que vi por meu mal:
e moyro-me d'amor./

I. *Classificação*: cantiga de amigo paralelística, com refrão: 7 x (2 + 1); versos sexsilabos agudos, inclusive no refrão; esquema rimático: aaB; coplas singulares.

II. *Manuscritos*:

246 do CV¹ e CV².

645 do CBN.

III. *Variantes*: 1: vej'eu, BRAGA; 2, 10: en o, CV², CBN, BRAGA; 4: Fuy, CV²; Fui eu mha madre ver, BRAGA; 5, 7, 10: en o, BRAGA; 5, 10: seguimos a leitura de J.J. Nunes, CRESTOMATIA; 19: ach'eu, CV²; 20: que por, CBN; Quen eu por meu mal vi, BRAGA; 22 – 24: copla acrescentada à cantiga por J.J. Nunes, C. AMIGO e CRESTOMATIA.

IV. *Síntese*: A moça confia à mãe que foi ver a partida e, depois, a chegada das barcas. Em nenhum desses momentos pôde ver a figura amada. Em razão disso ela sofre.

V. *Paráfrase*:

Eu vi, ó minha mãe, as barcas
saírem para o mar.
Estou sofrendo por amor.

Eu fui ver, ó minha mãe,
a chegada, na praia, das barcas,
Estou sofrendo por amor.

Fui olhar
as barcas na praia.
Estou sofrendo por amor.

Fui esperar
as barcas na praia.
Estou sofrendo por amor.

Fui ver as barcas
e não pude ver o meu amado:
Estou sofrendo por amor.

Fui esperar as barcas
e não pude divisar o meu amado.
Estou sofrendo por amor.

E não encontrei, na partida,
aquele que, para minha desgraça, um dia encontrei.
Estou sofrendo por amor.

E não encontrei, na chegada,
aquele que, para minha desgraça, um dia vi.
Estou sofrendo por amor.

VI

Trist'anda, mya madre, meu amigo
E eu triste por el, ben vo-lo digo,
E, se m'el morrer, morrer-vos-ey eu./

E morrerá por mim, tant' é coyado,
e vós perderedes meu gasalhado,
e, se m'el /morrer, morrer-vos-ey eu./

I. *Classificação*: cantiga de amigo, com refrão: 2 x(2 + 1); versos decassílabos graves nos dísticos e agudo no refrão; esquema rimático: aaB, coplas singulares.

II. *Manuscritos*:
247 do CV¹ e CV².
646 do CBN.

III. *Variantes*: 1: o meu amigo, CV², CBN; 3, 6: moirer, CBN; 4: moirera por mim CBN.

IV. *Síntese*: A filha revela à mãe a sua preocupação com o namorado que anda triste. Isso a torna triste também. Conclui a conversa dizendo à mãe que ele ficará sem a sua companhia se o namorado morrer porque se isso ocorrer ela também morrerá.

V. *Paráfrase*:

O meu amado anda triste, ó minha mãe
e com isso me entristeço: digo-lhe com sinceridade
se ele morrer, eu também morrerei.

Tão sofrido ele está que poderá morrer de amor por mim,
e a senhora perderá a minha companhia
pois, se ele morrer, eu também morrerei.

VII

Foy-s'un dia meu amigo d'aqui
e non me vyu, e, porque o non vi,
madre, ora morrerey.

5 Quando m' el vyu, non foy pólo seu ben,
ca morre agora por min, e, por en
madre, /ora morrerey./

Foy-s'el d'aqui e non m'ousou falar
nen eu a el, e, por en con pesar,
madre, /ora morrerey./

I. *Classificação*: cantiga de amigo, com refrão: 3 x (2 + 1); versos decassílabos agudos e sexsílabo agudo no refrão; esquema rimático: aaB; coplas singulares.

II. *Manuscritos*:

248 do CV¹ e CV².

647 do CBN.

III. *Variantes*: 2: por que, C. AMIGO; 3, 6, 9: moirerey, CBN; 5: moire, CBN; mi, CBN.

IV. *Síntese*: A moça reclama porque o amado partiu e não se despediu dela. Diz que ambos estão sofrendo e que ela certamente morrerá com a ausência dele.

V. *Paráfrase*:

Certo dia o meu amado foi embora daqui
e não se despediu de mim e porque não me despedi dele,
ó mãe, com certeza morrerei.

Não foi bom para ele ter me conhecido
porque agora está sofrendo por minha causa, e eu, por causa dele
ó mãe, certamente morrerei.

Ele se foi e não ousou me falar
e eu também não me atrevi a lhe falar, por isso,
ó mãe, certamente morrerrei.

VIII

- Dizede-m' ora, filha, por Santa Maria
qual é o voss' amigo que mi vos pedia?
- Madr', eu amostrar-vo-lo-ey.

- Qual é /o/ voss' amigo que mi vos pedia?
se mi-o vós mostrásedes, gracir-vo-lo-ia.
- Madr', eu amostrar-vo--/lo-ey./

- /S/e mi-o vós amostrades, gracir-vo-lo-ia
e direy-vo-l'eu logo en que s'atrevia
- Madr', eu amostrar-vo-lo-ey.

I. *Classificação*: cantiga de amigo, paralelística, com refrão: 3 x (2 + 1); versos dodecassílabos graves e, no refrão, octossílabo agudo; esquema rimático: aaB; coplas uníssonas.

II. *Manuscritos*:

249 do CV¹ e CV².

648 do CBN.

III. *Variantes*: 2: e qual é, CV²; e qual est, CBN; 4: Qual /h/e voss amigo, CBN; 7: E m' ho, CV²; 8: direy vol-eu, CV².

IV. *Síntese*: Diálogo entre mãe e filha. A mãe pede à filha que lhe apresente o namorado, aquele que ousou pedir consentimento para iniciar um romance com a filha. A filha responde que irá apresentá-lo.

V. *Paráfrase*:

Diga-me, ó filha, agora, em nome de Santa Maria,
Qual é o seu eleito, o que me pedia consentimento para namorá-la?
Mãe, eu lho apresentarei.

Qual é o seu eleito, o que me pedia consentimento para namorá-la
Ficaria grata se mo apresentasse.

Mãe, eu lho apresentarei.

Se você mo apresentasse ficaria agradecida
E em seguida lhe revelaria a que ponto chegou a ousadia dele.

Mãe, eu lho apresentarei.

2. Cantigas de Amor

I

5 Ir-vos queredes, mya senhor,
e fiqu'end'eu con gran pesar,
que nunca soub'i ren amar
ergo vós, des quando vos vi.
E, poys que vos ides d'aqui,
Senhor fremosa, que farey?

10 E que farey eu, poys non vir
o vosso muy bon parecer?
non poderey eu mays viver,
se mi Deus contra vós non val.
Mays ar dizede-me vós al:
senhor fremosa, que farey?

15 E rogu'eu a Nostro Senhor
que, se vós vos fordes d'aquen,
que me dê /mya/ morte por en,
ca muyto me será mester,
E, se mi-a El dar non quiser,
senhor fr/emosa, que farey?/

20 Poys mi assi força voss'amor
e non ousou vosco guarir,
des quando me de vós partir.
eu, que non sey al ben querer,
queria-me de vós saber:
senhor / fremosa, que farey?/

I. *Classificação*: cantiga de amor com refrão: 4 x (5 + 1); versos octossílabos agudos; esquema rimático: abbccD; coplas singulares.

II. *Manuscritos*:

159 de MOLTENI.

183 do CBN.

70 de CA.

III. *Variantes*: 3: soube ren, C. AMIGO, CA, CORREIA; 11 vol, CBN; 14, 15, 16, 23: seguimos a lição de J.J. Nunes, C. AMIGO; 14: se vos fordes, CBN; 15: que mj el de morte por en, CBN; 23: queria de vos saber, CBN.

IV. *Síntese*: O trovador está sofrendo muito porque a dama a quem presta vassalagem vai partir. Interroga-a várias vezes sobre o que fará quando isso acontecer. Conclui que só a morte será capaz de acabar com o seu sofrimento.

V. *Paráfrase*:

Minha senhora, quereis partir
e por isso ando pesaroso;
eu, que nunca amei ninguém
além de vós, desde o instante em que vos vi.
e visto que ides embora daqui,

 formosa senhora, o que farei?

O que farei depois que não mais vir
vosso belo rosto?

Não poderei mais viver
se Deus não vier em meu socorro.

Mas, de novo, respondi-me,
 formosa senhora, o que farei?

Eu rogo ao Nosso Senhor
que, se vós fordes embora daqui,
me dê Ele a morte
pois ela me será necessária.

E se Ele não m'a quiser dar,
 formosa senhora, o que farei?

Porque o amor por vós me domina
e sem vossa presença não me atrevo a continuar vivo.

Até que nos separemos,
eu, que não sei amar outra mulher
queria saber,

 formosa senhora, o que farei?

II

- Am'eu tan muyto mya senhor,
que sol non me sey conselhar
e ela non se quer nembrar
de mi e moyro-mi d'amor.
- 5 E assi morrerey por quen
non quer meu mal nen
quer meu bem!
- E quando lh'eu quero dizer
o muyto mal que mi amor faz,
sol non lhi pesa nen lhi praz,
nen quer en mi mentes meter
- 10 E assi morrerey / por quen
non quer meu mal nen
quer meu bem! /
- Que ventura que mi Deus deu,
que me faz amar tal molher
que meu serviço non me quer.
E moyr', e non me ten por seu.
- 15 E assi morrerey por quen
/ non quer meu mal nen
quer meu bem! /
- 20 E vede ora que coyta tal,
que eu já sempr'ey a servir
molher que mi-o non quer gracir
nen mi-o ten por ben nen por mal.
- 25 E assi morrerey por quen
/ non quer meu mal nen
quer meu bem! /

I. *Classificação*: cantiga de amor com refrão: 4 x (4 + 3); versos octossílabos agudos; esquema rimático: abbaCCC; coplas singulares.

II. *Manuscritos*:

160 de MOLTENI.

184 do CBN.

71 do CA.

III. *Variantes*: 9: Amor, CBN; 22: veede que, MOLTENI, NEMÉSIO; 23: sempre a ei a servir, CBN; o refrão em MOLTENI e NEMÉSIO apresenta-se

em forma de dísticos: “E assi morrerei por quen / nen quer meu mal, nen quer meu ben!”

IV. *Síntese*: O trovador confessa o amor que sente por uma dama que o ignora. Esse amor certamente o levará à morte.

V. *Paráfrase*:

Eu amo tanto minha senhora
que não sei o que fazer.
Ela nem sequer se lembra
De mim enquanto me consumo.
Em conclusão, morrerei por alguém que
se mantém indiferente
ao meu amor.

E quando eu lhe confesso
o sofrimento que esse amor me traz,
isso não lhe causa nem pesar nem prazer.
Nem sequer presta atenção no que digo.
Em conclusão, morrerei por alguém que
se mantém indiferente
ao meu amor.

Que sina Deus me deu;
fez-me amar uma dama
que recusa a minha vassalagem.
Estou me consumindo e ela me ignora.
Em conclusão, morrerei por alguém que
se mantém indiferente
ao meu amor.

Avaliai agora a extensão do meu sofrimento;
eu hoje e sempre serei vassalo
de quem não acena com gratidão
e mostra indiferença ao que sinto.
Em conclusão, morrerei por alguém que
se mantém indiferente
ao meu amor.

III

Par Deus, senhor, en gran coyta serey
agora quando m'eu de vós quitar,
ca me non ey já no mund'a pagar,
e, mya senhor, gran dereyto farey,
5 poys eu de vós os meus olhos partir
 e os vossos muy fremosos non vir,

E bem mi-o per deveedes a creer
que mi será mya morte /muy/ mester
des quando vos eu veer non poder;
10 nen Deus, senhor, non me leyxe viver,
 poys eu de vós os meus olhos partir,
 / e os vossos muy fremosos non vir,/
 / e os vossos muy fremosos non vir?/

Pero sey m'eu que mi faço mal sen,
de voz amar, ca des quando vos vi
15 de muy gran coyta fuy, senhor, des i;
 mays que farey, ay meu lum'e meu ben,
 poys eu de vós os meus olhos partir,
 / e os vossos muy fremosos non vir?/

/ E poys vos Deus fez parecer melhor
20 de quantas outras eno mundo son,
 por mal de mi e do meu coraçõ.
 com'averye já do mundo sabor,
 poys eu de vós os meus olhos partir,
 e os vossos muy fremosos non vir?/

I *Classificação*: cantiga de amor com refrão: 4 x (4 + 2); versos decassílabos agudos; esquema rimático: abbaCC; coplas singulares.

II. *Manuscritos*:

161 de MOLTENI.

185 do CBN.

72 do CA.

III. *Variantes*: 3: ca me non si d'al no mundo a pagar, CA; 8: seguimos a lição do CA; mya morte mester, CBN; 15: en mui, CA; 19: E pois uos fez, CBN; 19-24: seguimos a lição do CA, pois esta estrofe não consta em MOLTENI.

IV. *Síntese*: O trovador fala do sofrimento que irá experimentar quando se separar da dama a quem serve. Tal sofrimento só terminará com a morte.

V. *Paráfrase:*

Por Deus, senhor, sofrerei muito
no instante em que me separar de vós.
Já não sinto prazer em viver.
Minha senhora, farei o certo;
depois que meus olhos se apartarem de vós
e não mais virem os vossos, tão formosos.

E para meu bem deveis crer
que a morte me será muito necessária,
a partir do instante em que eu não puder mais vos ver.
Ó senhora, que Deus me mate,
depois que meus olhos se apartarem de vós
e não mais virem os vossos, tão formosos.

No entanto eu sei que é loucura minha
amar-vos pois desde que vos vi
carrego, desde então, grande sofrimento.
Mas o que farei, minha luz, meu amor,
depois que meus olhos se apartarem de vós
e não mais virem os vossos, tão formosos.

IV

Ora vej'eu que mi non fará ben
a mya senhor, poys mi mandou dizer
que me partisse de lhi ben querer.
5 Pero sey eu que lhi farey por en:
mentr'eu viver, sempre lhi ben querrey,
e sempre a já senhor chamarey.

I. *Classificação:* cantiga de amor com refrão: 1 x (4 + 2); versos decassílabos agudos; esquema rímico: abbaCC.

II. *Manuscritos:*

162 de MOLTENI.

186 do CBN.

73 do CA.

III. *Variantes*: 3: de a ben querer, CA.

IV. *Síntese*: Ao pedido da dama de que deixe de amá-la, o trovador responde que não poderá atendê-la.

V. *Paráfrase*::

Agora sei que a minha senhora não corresponderá
ao meu amor, pois mandou-me pedir
que eu deixe de lhe dedicar amor.

Sei, no entanto, o que lhe responder:
enquanto eu viver, eu a amarei
e sempre a proclamarei minha senhora.